

CRÍTICA / TEATRO / A MANHÃ SEGUINTE

Comédia **abrasileirada**

João Pedro Hachiya/Divulgação

Por **Cláudio Handrey**

Especial para o Correio da Manhã

O britânico Peter Quilter, de sucessos no Brasil, aporta no Clara Nunes, com tradução de Marta Metzler e ótima adaptação de Thereza Falcão, que aproxima o texto, coberta de sapiência, para nossa realidade. “A Manhã Seguinte” é uma comédia que apresenta uma família irresistível, em encontros inusitados. Kátia e Tomás amanhecem juntos, depois de uma noite sexualizada e uma paixão que se configura instantaneamente. A chegada da mãe de Kátia no quarto do casal vai criando situações embaraçosas e o clima vai ganhando espaço cômico com a chegada do irmão.

A dupla de diretoras, Bel Kutner e Thereza Falcão, acerta ao instaurar atmosferas, que corroboram com a leveza do texto de Peter/Thereza, armando temperaturas hilariantes, além de desordens sobre uma cama de casal, que parecem descortinar um palco sobre o outro. E permitem que o improviso possa



Gustavo Mendes, Carol Castro, Bruno Fagundes e Angela Rebello estão no elenco da comédia ‘A Manhã Seguinte’

abrilhantar as apresentações, já que têm em mãos um elenco afiado para isso.

Bruno Fagundes, que vem provando seu enorme talento, brilha ao dar vida a um homem tímido, acuado por aquela família des-trambelhada. Depois de iluminar o palco do mesmo teatro, numa interpretação arrebatadora com sua “A Herança”, o ator revela-se ab-

solutamente seguro em outro gênero. Angela Rebello diverte, arrancando gargalhadas com sua personagem imprudente, emprestando sua técnica notável de atriz experiente. Gustavo Mendes, comediante por si só, desfruta de uma afetação, que o público compra desde que entra em cena. E Carol Castro, mesmo extremamente sincera, não acompanha a ex-

pressividade que os colegas aplicam ao espetáculo.

A produção é cercada por uma equipe técnica esmerada. O cenário burlesco de Nelo Marrese dialoga satisfatoriamente com a proposta cênica, apresentando um universo kitsch, como se quisesse parodiar Sherazade, com cobertor de onça/hiena e cortinas plissadas. O figurino de Mauro Leite é, no geral colorido, realçando prazer aos olhares, sobretudo ao depararmos com o vestido jocoso que a mãe de Kátia traja no dia do casamento. A luz de Paulo Denizot e Kelson Santos é dinâmica, sem se manter sempre aberta, auxiliando a desenvoltura da narrativa. A preparação corporal de Ruben Gabira é clara e eficaz na soltura dos intérpretes, como na performance de Gustavo Mendes, ao brincar com John Travolta, enquanto ouvimos “Night Fever”, pérola bem selecionada pela acertada trilha de Marcelo Alonso Neves. “A Manhã Seguinte” cumpre com muito humor o seu papel!

SERVIÇO

A MANHÃ SEGUINTE

Teatro Clara Nunes (Rua Marquês de S. Vicente, 45 - Shopping da Gávea)
Até 12/10, sextas e sábados (20h) e domingos (19h) | Entre R\$ 21 e R\$ 140

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Comédia macabra

Primeira peça do Coletivo Tumulto, “G de gato” é uma comédia macabra que se passa em uma única noite. Em cena, uma mulher busca refúgio em uma pousada durante uma noite de tempestade. Cercada por hóspedes cada vez mais insanos e por um gato à espreita, ela descobre que a chuva torrencial não é a maior ameaça. Com texto e direção de Felipe Leibold, a peça será apresentada entre os dias 19 e 21 de setembro (sexta e sábado, às 20h, e domingo, às 19h), na Sede da Cia. dos Atores, na Lapa.

Lucas Sousa Almeida/Divulgação

Daniel Barboza/Divulgação



Pioneirismo feminista

O espetáculo documental “Narcisa” está de volta no Teatro Municipal Ziembski, na Tijuca. Com dramaturgia de Cilene Guedes e direção de Joana Lebreiro, a peça homenageia a jornalista e poeta Narcisa Amália de Campos. Precursora do feminismo, ela teve uma trajetória marcante nas artes e na imprensa, com fama na corte no Rio de Janeiro, e talento reconhecido por Machado de Assis e todo meio literário de sua época. Mas hoje pouca gente conhece a vida e a obra da escritora. A peça reflete sobre os motivos do apagamento de seu nome da história.

Lígia Jardim/Divulgação



As últimas 24 horas

Chega à última semana no Teatro Caixa Nelson Rodrigues uma montagem contemporânea de “Mary Stuart”. A peça retrata as últimas 24 horas da rainha escocesa vivida por Virginia Cavendish, presa por 18 anos pela própria prima, a soberana inglesa Elizabeth I (Ana Cecília Costa/Ana Abbot). Com direção de Nelson Baskerville e adaptação de Robert Icke, o espetáculo usa figurinos atemporais e trilha orquestral numa montagem explora as metáforas de poder entre as duas rainhas.

